



IDENTIDADE E VALORAÇÃO NAS TIRINHAS DE DONA ISAURA

Ma. Alixandra Guedes; Prof^ª. Dr^ª Tânia Maria Augusto Pereira;

Universidade Federal de Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba
alixandragm@gmail.com; taniauepb@yahoo.com.br

Para iniciar a conversa...

O sujeito, em suas práticas sociais de linguagem, manifesta contradições em sua relação com os outros e com o mundo. A tensão dialética é uma das principais características do signo linguístico e nele habitam, concomitantemente, valores que produzem sentidos diversos, mesmo que antagônicos por refletirem de modo polêmico o objeto do discurso, e o sujeito e seu horizonte sócio-ideológico. Assim, ao produzir um enunciado, o sujeito posiciona-se em relação aos já-ditos-outros, que por meio da história apresentam continuidade semântica, por conseguinte, a linguagem acaba por servir como meio reprodutor de ideias preconceituosas que são refletidas e refratadas através das relações dialógicas.

Nesse contexto de interação e constituição dialógica, ao longo da história da humanidade, à representação do gênero feminino foi designado o papel de procriação, cuidados com o lar e contribuição para a estabilidade financeira familiar, através da dupla jornada de trabalho. A mulher existe, desse modo, submissa ao gênero masculino que, por sua vez, exerce sua soberania de forma machista e misógina, sob a égide de uma sociedade que tem por lógica a hegemonia de uma identidade branca, masculina, ocidental, heterossexual, etno e androcêntrica, desvalorizando as dicotomias.

Embasado num viés discursivo, este trabalho objetiva analisar a influência do tom valorativo para a construção da identidade feminina nas tiras em quadrinhos, que tem como temática a imagem da mulher negra e a resistência aos padrões sociais impostos à figura feminina presentes nos enunciados da personagem Dona Isaura, produzidas pelo cartunista e ilustrador Junião publicadas no site <http://donaisaura.com.br>.

A hipótese que levantamos é a de que tais enunciados verbo-visuais refletem, ao longo do tempo e do espaço, uma atitude valorativa de rejeição entre os padrões impostos socialmente e a aceitação das características étnicas e atitudinais, contribuindo para a construção da identidade feminina negra. Os objetivos assumidos, portanto, são: a) situar, a partir da Análise Dialógica do



Discurso, a noção de identidade e valoração e b) analisar enunciados verbo-visuais de tiras em quadrinhos do referido site. Para tanto, almejamos desenvolver a análise de duas tiras em quadrinhos publicadas no site supracitado que abordam a constituição da identidade da mulher negra frente ao preconceito racial. As tiras foram selecionadas a partir da consideração de dois fatores, a saber: tratar de preconceito racial e relacionar tal preconceito a um discurso de resistência.

Nosso trabalho está organizado em três proposições: na primeira, abordamos uma discussão teórica sobre os conceitos bakhtinianos de dialogismo, entonação expressiva e enunciado concreto; na segunda, expomos os conceitos de identidade e valoração, segundo os estudos do Círculo (2015, 2103, 2010, 2011); e, por fim, apresentamos a análise por nós empreendida relativa à presença da valoração enquanto elemento constitutivo da identidade, nas expressões verbo-visuais presentes nas tiras em quadrinhos do cartunista e ilustrador Junião.

1. Dialogismo, enunciado concreto e entonação expressiva para o Círculo de Bakhtin

A linguagem sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (doravante ADD) solicita o entendimento da língua enquanto resultado, não acabado, da vida verbal em contextos específicos de comunicação e de interação. Bakhtin (2011, p. 410) aponta que não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)”; não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo”. É, portanto, a essa latência de renovação que os estudos bakhtinianos denominam de dialogismo ou concepção dialógica da linguagem.

O dialogismo é um conceito amplo, de cunho filosófico, discursivo e textual. Sobral (2009, p. 35-37), aponta três planos distintos para se compreender o conceito de dialogismo: o primeiro plano postula a designação da condição de ser e agir dos sujeitos; o segundo plano concebe a condição de possibilidade do dizer, isto é, os sentidos possíveis surgidos no interior dos processos interacionais já produzidos e daqueles que virão a materializar-se, e, por fim, o terceiro põe em evidência o dialogismo como a base para a composição de enunciados e discursos, tendo em vista que até mesmo em um monólogo ocorre dialogicidade, pois a simples menção a uma verdade anterior já é fonte de um dizer posterior.

Tal entendimento, segundo Sobral (2009, p. 32), “propõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre



subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas de exercício da linguagem”. Destarte, ao considerarmos a (inter)subjetividade percebemos que o dialogismo está vinculado à interação, de modo que as relações dialógicas oportunizam, em eventos de interação social, que a linguagem seja vista como concreta, situada em contextos sócio-históricos de comunicação, num dado campo discursivo, sendo materializada sob a forma de enunciados.

Concebendo que “a língua passa a integrar a vida através dos enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265). Nesse sentido, o enunciado configura-se como a real unidade da comunicação discursiva, pois o discurso está sempre materializado em forma de enunciado oriundo de um sujeito social ativo e fora do âmbito sócio-cultural é impossibilidade de se realizar, por sua essência dialógica é que “todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 57).

No curso da interação dialógica, o enunciado apresenta como partes integrantes um projeto (a intenção do dizer), um autor (o sujeito) e a execução (a realização por parte do sujeito de sua própria intenção). Devido a sua natureza ativamente responsiva, toda compreensão é desejanter de resposta e é essa condição que coloca o enunciado enquanto elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Sua concretude depreende dois critérios: a *alternância dos sujeitos*, que definem seus contornos, já que todo enunciado “tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto” (BAKHTIN, 2016, p.29) e que “cria seus limites precisos [...] nos diversos campos da atividade humana e da vida [...] (BAKHTIN, 2016, p.29) e o *acabamento do enunciado*, que indica que o sujeito conclui seu projeto enunciativo dando espaço para a enunciação do outro. Em ambos os aspectos a presença do outro é inevitável.

Há, ainda, três elementos inter-relacionados que colaboram para a formação do enunciado, a saber: 1. a sua *conclusibilidade*, entendendo que mesmo a mais breve réplica aponta para uma conclusão suscitada pelo falante; 2. o *projeto enunciativo* do sujeito, ou seja, sua intenção discursiva (intencionalidade) e a execução (enunciação) de um objeto de sentido, ligado a um tema e a uma forma; por último, 3. as *formas típicas* dos enunciados, que são as formas nas quais constitui-se e desenvolve-se o projeto enunciativo do falante. “Falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*” (BAKHTIN, 2016, p.38. Grifos do autor).



Desse modo, o enunciado é uma unidade de interação, com objetivo específico, materializado de acordo com a necessidade situacional e que atinge significação apenas na ação da vida real. É a partir do projeto enunciativo e do gênero escolhido para a enunciação que se evidencia a entonação expressiva que revela a individualidade do falante. Ao contrário do que aceito pelo senso comum, a entonação expressiva estende-se para além dos aspectos vocais-fônicos (altura, inflexão, modulação etc.) da linguagem e não figura vazia de sentido. Por intermédio dela é possível atribuir sentido aos enunciados, já que são fundamentais para a compreensão do interlocutor.

Em *Os gêneros do discurso* (2011), Bakhtin apresenta alguns postulados sobre a noção de entonação e estabelece o seu desdobramento em três tipos de entonação, sejam eles: a) entonação gramatical – marca a conclusão, a explicação, a enumeração etc.; b) entonação narrativa, interrogativa, exclamativa e exortiva – evidencia o cruzamento entre a entonação gramatical e de gênero e c) entonação expressiva – ocorre em todo enunciado, ou seja, nos gêneros do discurso. Por questões metodológicas, deter-nos-emos sobre o terceiro tipo de entonação, a entonação expressiva, por acreditarmos que ela atende de forma mais satisfatória ao nosso estudo.

Para Bakhtin (2011, p. 289), a entonação expressiva corresponde à “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do enunciado”, ou seja, a entonação expressiva para o autor afasta-se das concepções que entendem o sentido de maneira apriorística, anterior à relação entre os sujeitos. “A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe” (BAKHTIN, 2011, p. 290). Dito em outras palavras, não há enunciados neutros, pois a neutralidade da língua só existe enquanto virtualidade.

A partir do instante em que tomamos a palavra estamos situando-a sócio-historicamente, por meio da expressão de nossas visões de mundo, através da significação sobre o tema e acerca do interlocutor. Estamos refratando as ideologias recebidas no curso interativo da vida, no qual todo enunciado é repleto de tons valorativos.

2. Cotejos sobre a identidade e o tom valorativo

Considerando a linguagem como uma prática social cotidiana que envolve as experiências de relacionamentos entre os sujeitos, Bakhtin (2011, p. 265) defende a natureza social e não



individual da linguagem e situa a sua realidade material – a língua –, bem como os sujeitos que a utilizam num dado contexto sócio-histórico, de modo que a linguagem é incompleta no sentido de que nem tudo se diz, contudo o que não é dito continua presente, significando possibilidades.

Diante de *continuum* infinito de sentidos inesgotáveis surge o espaço para a subjetividade na linguagem e com a ele a possibilidade de construção identitária. Pensar a identidade é sempre pensar um espaço de batalhas, já que a concepção do Eu é, muitas vezes, imposta ao(s) Outro(s) frente às diversas interações ocorridas nas distintas esferas discursivas existentes na sociedade. Segundo Bauman (2005, p. 83), “sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade”.

Nesta perspectiva de combate constitutivo, Hall (2006) aponta que a identidade não está centrada no ser, mas fora dele, indissociável da situação discursiva que o constitui. Compreendendo a identidade como exterior ao sujeito, o pensamento de Hall aproxima-se do conceito de alteridade proposto por Bakhtin, segundo o qual é através da relação alteritária que as identidades se constituem, visto que estas não são frutos da consciência, e sim da relação inerente com o Outro, de modo que com esse outro o Eu não é obrigado a concordar, sendo diferente do Eu, O Outro o provoca, o faz deslocar-se da zona de conforto, o faz buscar outras possibilidades, resultando na definição do Eu.

Nos termos de Moura e Miotello (2014, p.191-192), “a constituição do Eu sempre é uma concessão do outro. [...] Vou me constituindo nos limites entre eu e o outro, vou existindo pelas ofertas do outro”. Nesse jogo interacionista, a identidade figura como uma atividade coletiva que tem como ponto de partida o Outro. Contudo, inserido nesse movimento, o Eu sempre volta a si mesmo, pois todo sujeito é regido por dois sistemas: o ideológico, social, e o da unicidade, o psiquismo; é, portanto, quando o Eu fecha-se em si mesmo, impondo limites, definindo e concluindo sua constituição que se completa enquanto EU.

Por este prima, o sujeito tem sua identidade construída a partir das relações de alteridade que estabelece nas diversas relações dialógicas instauradas nas várias esferas discursivas, sendo, portanto, inviável pensar o sujeito destituído de seus vínculos com o Outro. E é no decorrer das interações que o sujeito produzir novas organizações do dizer a partir de novas significações, refletindo e refratando os sentidos e gerando novas valorações.

O processo de valoração se dá por meio do vivenciamento ativo do Eu, pois quanto “tenho em minha vivência uma lembrança axiologicamente ativa [...] reúno a mim todo não no passado,



mas no futuro eternamente vindouro” (BAKHTIN, 2011, 114-115). Nesta passagem de *Estética da criação verbal*, o autor explica o sentido de valoração e o faz tomando como referência a própria noção de dialogismo. Compreender que as axiologias, os pontos de vista ou os valores estão intimamente ligados ao histórico e ao seu evoluir. Em outros termos, o vivenciamento ativo do Eu é sempre uma atividade axiológica. Valorar significa, desse modo, dar o seu “aroma” às formas de interação verbal, “uma vez que não se trata do valor da vida para mim, mas do meu próprio valor para mim mesmo [...], eu suponho esse valor no futuro eivado de sentidos” (BAKHTIN, 2011, p. 112).

Sob esse enfoque, ao referir-se ao caráter dialógico da linguagem, o vivenciamento torna-se lembrança axiológica. Este substantivo, *lembrança*, é utilizado por Bakhtin (2011) para afirmar que há “rastros” de sentidos atravessando as experiências de linguagens dos sujeitos sociais. Esses “rastros” podem ser apreendidos por meio da entonação, do estilo e do gênero escolhido para compor o ato enunciativo. Nas palavras do autor, “a relação valorativa do falante com o objeto (seja qual for esse objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2011, p. 289).

Vemos como relevante destacar duas asserções: 1. a lembrança é uma forma de axiologia e 2. a axiologia é ideológica. Em 1, é necessário assentir que o processo de valoração está vinculado ao tempo e ao espaço, isto é, à cronotopia. Os sujeitos estão sempre implicados nestas lembranças axiológicas e elas mobilizam apreciações perante os eventos de interação social, acionando compreensões responsivas que vão ao encontro, ou não, das lembranças axiológicas. Já em 2, os tons valorativos revelam sua filiação ideológica, historicamente situada e editada pelas pressões sociais a que tais ideologias se relacionam. Assim, a valoração tem o “aroma” e o “sabor” das instituições que determinam as possibilidades de produção de enunciados no circuito das atividades de linguagem (FARACO, 2009, p. 48).

Sendo, pois, o enunciado resultante de uma ideologia, toda atividade de linguagem é determinada por tons axiológicos e “cada dia tem sua conjuntura socioideológica, semântica, seu vocabulário, seu sistema de acento, seus lemas, seu desaforo e seu elogio” (BAKHTIN, 2015, p. 66). Relacionamo-nos com o mundo de forma enviesada, visto que nossas palavras adentram as camadas dos discursos sociais que recobrem as coisas. Desse modo, “nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores” (FARACO, 2009, p. 49).



3. Identidade e Valoração nas tiras em quadrinhos de Dona Isaura

A tirinha Dona Isaura é de autoria de Junião, cartunista, chargista e ilustrador nascido em Campinas (SP). Junião colaborou como chargista nos jornais Diário do Povo e Correio Popular. Colaborou também com ilustrações, charges esportivas e políticas para os principais veículos da imprensa brasileira (Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Veja) e internacional (revista *Courrier International*-França). Como jornalista, Junião já entrevistou personalidades históricas da luta contra o racismo como Emory Douglas, ilustrador dos Panteras Negras, e participa de debates e palestras em todo o Brasil. Já ganhou prêmios importantes, como o Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre, em 2011; o prêmio Vladimir Herzog de 2005 e menção honrosa em 2006 (categoria artes); e o prêmio de cartuns sobre Aids do Ministério da Saúde, em 2004.

A personagem das tiras em análise é Dona Isaura, sua primeira personagem autoral, criada em 2000. Segundo o autor, a personagem é inspirada em situações do cotidiano da sua própria família que é “dominada” por mulheres. Foi lançada na revista japonesa *Look*, em 2002, e na coletânea *Central de Tiras*, no ano seguinte. As histórias de Dona Isaura foram publicadas como tiras diárias entre 2003 e 2006 em dois jornais de São Paulo: *Correio Popular* (Campinas) e *Diário da Região* (São José do Rio Preto). Hoje podemos encontrar as tiras no [Facebook.com/DonaIsauraTiras](https://www.facebook.com/DonaIsauraTiras), no [Twitter \(@Dona_Isaura\)](https://twitter.com/Dona_Isaura) e Instagram (@DonaIsaura).

Dona Isaura é uma senhora com mais de sessenta anos, com filhos, netos e um namorado (ou como ela mesma costuma chamar, um “ficante”). Ela gosta de feijoada, caipirinha, novela, futebol, uma roda de samba e o mundo digital. É sem dúvidas uma personagem provocadora, contestadora e, acima de tudo, empoderada, que conversa e discute sobre tudo (política, racismo, religião, cidadania, democracia, direitos e deveres do cidadão etc.), desafiando o leitor a pensar como a sociedade se organiza em termos de poder, ideologia e crenças.

Vejamos a seguir, as tiras em que Dona Isaura enuncia a resistência ao discurso machista ao estimular a independência no que diz respeito às escolhas que a neta realizará. Para que ocorra a construção de sentidos evidenciados nesta materialidade discursiva faz-se necessário que o leitor tenha conhecimento da realidade sócio-histórica-cultural acerca do que é ser mulher, especificamente no Brasil, um país com herança colonial e escravocrata.

É quase unânime o discurso de que a mulher é o sexo frágil e que por isso necessita ser “orientada” pelo homem. Indo de encontro a este pensamento misógino, na França, em maio de 68,



as feministas postulam que a violência contra as mulheres dava-se por meio da violência simbólica que silenciara suas vozes e impedia suas ações e decisões. Seguindo este percurso, no início dos anos 70, na Europa e EUA, surgiu um novo conceito: política da identidade, que tinha por características a ênfase nas questões de diferenças em detrimento das questões de igualdade e universalidade e, por consequência, o destaque para as comunidades de identidades particulares, como afros, homossexuais, ou hispânicos (PIRES, 2002).

A partir dos anos 80, os estudos feministas viram o tema gênero desenvolver-se no campo das ciências humanas, opondo-se às teorias anteriores que eram centradas em fatores específicos e na experiência feminina. Com o passar dos anos, foi conquistado o direito de trabalhar fora de casa e a mulher passa a sustentar os filhos, a ajudar nas despesas domésticas, revela-se inteligente ao assumir cargos antes nunca imaginados para o sexo feminino. Paralelamente, enfrenta o desafio cotidiano de administrar todas as atividades que lhe foram incumbidas: é mãe, esposa, em muitos casos, estudante, trabalha fora e é dona de casa.

Vejamos a nossa primeira tira em quadrinhos.

Figura 1



Fonte: Disponível em http://www.juniao.com.br/dona-isaura/30_setembro_2015.

Acesso em 28/07/2017.

Na tira há duas personagens que dialogam: Isaura e sua neta, e toda a arena espacial, assim como os elementos constitutivos, demonstram que estão num ambiente familiar, conhecido por ambas. De um lado, temos Dona Isaura, mulher de 70 anos, negra, que pela idade vivenciou várias mudanças políticas e sociais no país, por outro lado, temos a neta que está brincando de jogar futebol, atividade tida como tipicamente masculina, o que demonstra sua constituição enquanto



sujeito singular e social, uma vez que o mundo interior, os pensamentos, seus motivos interiores e valorações ocorrem de acordo com o auditório social no /para qual o sujeito se direciona (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 205).

No primeiro quadrinho, Isaura pergunta à neta “*E o que você vai ser quando crescer?*”, indagação esta construída a partir do imaginário coletivo que postula que desde cedo é preciso saber qual profissão escolher para que se obtenha prestígio e sucesso na sociedade. No caso das mulheres, a pergunta surge saturada de discursos de marginalização e inferiorização, já que à mulher recaem, tradicionalmente, as profissões tidas como “de mulher”, como secretária, professora, pediatra, enfermeira, marcando ideologicamente o lugar concebido à mulher na sociedade.

Dona Isaura ouve como resposta, no segundo quadrinho, “*o que eu quiser, ué?!?*”, enunciado que apresenta um tom valorativo de insatisfação, pois parece inaceitável ser algo que não foi decidido por si próprio. A garota parece transgredir o aparente contrato social abordado na fala da avó, pois sendo ela um sujeito situado na sociedade, na sua história e na sua cultura, compreende que o enunciado não é neutro e o avalia sob a perspectiva sócio-histórica, evidenciando que “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 140).

Essa insatisfação presente no enunciado da neta encontra apoio coral na opinião pública que não aceita mais que a mulher tenha sua identidade formada a partir das resoluções de uma sociedade machista e evoca para si a alteridade enquanto processo de “interação de consciências em devir, (como) um processo de alargamento, de invasão mútua” (MOURA e MIOTELLO, 2014, p. 194). Ao questionar a pergunta da avó ao final de sua resposta – “*ué?!?*” – a neta marca ideologicamente a resistência ao discurso estabelecido e revela sua construção identitária, resultante dos diversos processos de conscientização ocorridos nas últimas décadas, por meio das relações de alteridade.

No último quadrinho, Dona Isaura parece comemorar ao proferir um enunciado com intensa entonação expressiva, exclamando que “*Essa vai ser craque!*”. É interessante perceber que a escolha da palavra “*craque*” não é inocente, já que, ancorados no pensamento bakhtiniano, entendemos que todas as nossas escolhas são assinadas, são ideológicas, e essas escolhas conferem aos enunciados um tom avaliativo, o qual dialoga com outros discursos. Avulta-se no enunciado de Dona Isaura um novo discurso (de resistência) criado a partir de um discurso anterior (de submissão feminina), conforme aponta Volochínov (2017, p. 95), “o enunciado nunca é apenas um reflexo,



uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular [...]”.

Passemos a análise da segunda tira em quadrinhos.

Figura 2



Fonte: Disponível em http://www.juniao.com.br/dona-isaura/24_janeiro_2017. Acesso em 28/07/2017.

Encontramos na tira em análise a personagem Isaura junto a sua neta, na praia, numa situação de descontração e relaxamento. Observemos que Dona Isaura mudou o seu visual, pintando os cabelos de vermelho, cor que historicamente remete à sensualidade e, por conseguinte, à vulgaridade, conforme postulado pelos padrões da moral feminina e cristã. Para além desse tom valorativo, foi cunhado pela mídia o conceito de que tinturas em tons vermelhos não seriam adequados à pele negra. Assim, Dona Isaura reafirma sua identidade de mulher, negra, transgressora, trazida pela alteridade, na qual o outro determina até qual deve ser a cor escolhida para tingir os cabelos.

No primeiro quadrinho, Dona Isaura questiona a neta sobre o que ela e o irmão¹ estão brincando— “*Vocês estão construindo um castelo?*” – e sua fala traz a cristalização dos discursos hegemônicos europeus, nas quais o castelo é colocado como lugar ideal, tanto por ser signo ideológico de riqueza quanto por ser o lugar dos sonhos do sexo feminino, representação disseminada socialmente pelos contos de fadas, o que só legitima que o “Eu ser humano é uma construção que me vem de fora, do exterior” (MOURA e MIOTELLO, 2014, p. 196).

Na sequência dos enunciados, a neta lhe responde que “*Não Vó! É um quilombo!*”, o que quebra a expectativa e vai de encontro ao pensamento de que são sempre castelos construídos na areia. A entonação expressiva, que “é um traço constitutivo do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p.

1 Sabemos que Dona Isaura tem dois netos, uma menina e um menino, pela aparição dessas personagens em outras tiras do site.



48), ratificada pela oração afirmativa “*É um quilombo!*” evidencia a presença da relação alteritária realizada pela neta e a resignificação de ser negro como elemento positivo e, portanto, constitutivo da identidade dessa jovem negra que já se coloca como resistente aos discursos saturados pela/na sociedade.

No segundo quadrinho da tira, encontramos Dona Isaura emocionada pelo tom valorativo presente no enunciado da neta. Se antes a condição do negro era “naturalizada” pela sociedade, hoje é impensável excluir alguém pela cor da pele ou por qualquer outra razão discriminatória. A hipérbole utilizada pela personagem – “*Chorando litros de emoção em 3,2,1...*” – remete às formas enunciativas presentes nas redes sociais, realçando o quão atendida Dona Isaura é ao fazer uso de expressões da internet em sua fala cotidiana, pois “a palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações [...] é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam” (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 106).

Entendemos que tanto os enunciados produzidos por Dona Isaura quanto os enunciados produzidos por sua neta apontam para a inversão dos padrões até então estabelecidos. Para Dona Isaura, mulher provocadora e revolucionária, a questão não está na escolha da profissão ou no castelo que está em construção, mas sim em conduzir à neta a percepção de que é realmente necessário e importante estar consciente dos aspectos sócio-históricos e culturais que constituem o sujeito. A entonação expressiva presente na resposta da neta revela que o lugar da mulher negra é marcado por tensões sócio-histórico-ideológicas, e que são os sujeitos que decidem que espaço ocupar, quando, por que e para quê.

É preciso encerrar a conversa...

As reflexões empreendidas nesse trabalho nos possibilitaram ver que o enunciado é fruto de relações dialógicas com outros enunciados e cada um está preso às suas condições sócio-históricas de produção. Assim, ao defendermos que a identidade se constrói por meio da alteridade, porque evoca no elo da cadeia discursiva o outro para construir a si mesmo, e apresenta valorização porque todo enunciado traz um tom avaliativo sobre o qual o sujeito evidencia sua entonação expressiva, demonstramos haver concretude enunciativa nas tiras, através da qual os sujeitos – Dona Isaura e a sua neta – se constituem discursivamente, uma vez que revelam um discurso que não é unívoco sobre o contexto em que se insere.

Dessa forma, entendemos que a valorização de determinado enunciado nunca é um ato individual, mas coletivo, haja vista está apoiado no conjunto de crenças, ideologias, de uma determinada comunidade. As



formas de pensar materializadas linguisticamente por Dona Isaura e a sua neta invertem os padrões até então estabelecidos pela sociedade, de modo que pela perspectiva de resistência, presente nos enunciados concretos que formam as tiras, não é a parcela branca, masculina, ocidental, heterossexual, etno e androcêntrica que escolhe o lugar que a mulher negra pode ocupar, mas sim a própria mulher negra que escolhe o seu próprio lugar, e o faz assumindo para si a imagem e a história da etnia negra.

Na verdade, as personagens desconstróem o imaginário coletivo de que as mulheres negras querem ocupar os espaços calcados pela raça e cultura brancas. O tom valorativo das palavras das personagens obteve apoio coral presumido, ou seja, as respostas às perguntas, dadas pela neta de Dona Isaura, encontram apoio em outras vozes da sociedade (movimento negro, movimento LGBT, movimentos de resistência etc.) que se coadunam com a ideia de insatisfação ao discurso machista que recai sobre o gênero feminino, bem como reprovam as práticas discursivas que colaboram para a sustentação de uma identidade feminina inferiorizada e submissa.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

_____. *Os gêneros do discurso*. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2016.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FARACO, C. A. *Linguagens e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

HALL, S. *A identidade na pós-modernidade*. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELENE, Diana. *Se cuida seu machista, a América latina vai ser toda feminista*. Disponível em: <http://mstrio.casadomato.org/se-cuida-seu-machista-a-america-latina-vai-ser-toda-feminista/> Acesso em: 05 de jul. 2014.

MOURA, M. I. de. & MIOTELLO, V. Deslocando a identidade. Um novo jeito de pensar a respeito de mim mesmo. In: MOURA, M. I. de. & MIOTELLO, V. (Orgs.). *A alteridade como lugar de incompletude*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2014.

VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensoi introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

PIRES, V. L. *Questões sobre identidade e diferença: tensão entre o mesmo e o outro*. Fragmentum. nº 3. Laboratório Corpus /UFSM, 2002, p. 11 – 30.